

Os projetos do arquiteto Rino Levi para o Centro Cívico da Cidade Universitária Armando Salles Oliveira em São Paulo

Bruno Rossi, Ana Maria Reis de Goes Monteiro

ROSSI, Bruno; MONTEIRO, Ana Maria Reis de Goes. Os projetos do arquiteto Rino Levi para o Centro Cívico da Cidade Universitária Armando Salles Oliveira em São Paulo. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 64-80, out. 2022

data de submissão: 19/07/2021

data de aceite: 22/09/2021

Bruno ROSSI, Universidade Estadual de Campinas; arq.bruno-rossi@gmail.com

Ana Maria Reis de Goes MONTEIRO é Doutora pela Universidade Estadual de Campinas; anagoes@fec.unicamp.br

Resumo

A idealização das universidades públicas e a realização de suas cidades universitárias representam, em certa medida, a história da construção e desenvolvimento de uma sociedade. Desde a sua formação a Universidade de São Paulo se desenvolveu em paralelo ao avanço teórico e prático do urbanismo da cidade e do estado de São Paulo, ao mesmo tempo que acompanhou e impulsionou as discussões sobre arquitetura, ensino e desenvolvimento público no Brasil. Com a proposta de arquitetos relevantes no cenário da arquitetura moderna brasileira, tanto para a organização urbana do campus quanto para a arquitetura dos edifícios, a USP construiu um importante legado na história da arquitetura nacional. Neste contexto, este artigo pretende apresentar os projetos desenvolvidos pelo escritório paulista Rino Levi Arquitetos Associados para o chamado Centro Cívico da Cidade Universitária da USP, no começo da década de 1950.

Palavras-chave: Rino Levi. Arquitetura Moderna. Cidade Universitária. Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.

Abstract

The idealization of public universities and its campus represents, in a way, the history of society's development and construction. Since the beginning, the University of São Paulo has developed in parallel with the advancement of urbanism in the city and the state of São Paulo, while it has stimulated discussions on architecture, teaching and public development in Brazil. With the proposal of relevant architects in the Brazilian modern architecture scenario, both for the urban organization of the campus and for the architecture of the buildings, USP has built an important legacy in the history of national architecture. In this context, this article intends to present the projects developed by the office Rino Levi Arquitetos Associados for the so-called Civic Centre at USP campus, in the early 1950s.

Keywords: Rino Levi. Modern Architecture. University Campus. Architecture and Urbanism. University of São Paulo.

Resumen

La idealización de las universidades públicas y la realización de sus ciudades universitarias representan, en cierta medida, la historia de la construcción y el desarrollo de una sociedad. Desde su formación, la Universidad de São Paulo se ha desarrollado paralelamente al avance teórico y práctico del urbanismo en la ciudad y el estado de São Paulo, al mismo tiempo que ha seguido y estimulado debates sobre arquitectura, enseñanza y desarrollo público en Brasil. Con la propuesta de arquitectos relevantes en el escenario de la arquitectura moderna brasileña, tanto para la organización urbana del campus como para la arquitectura de los edificios, USP ha construido un importante legado en la historia de la arquitectura nacional. En este contexto, este artículo tiene la intención de



presentar los proyectos desarrollados por la oficina de Rino Levi Arquitectos Asociados para el llamado Centro Cívico de la Ciudad Universitaria de la USP, a principios de la década de 1950.

Palabras-clave: Rino Levi. Arquitectura Moderna. Ciudad Universitaria. Arquitectura e Urbanismo. Universidad de São Paulo.

Introdução

No início da década de 1950, aproximadamente quinze anos após a instituição oficial da Universidade de São Paulo e devido aos fomentos econômicos dado às comemorações do IV Centenário da capital paulista, a Cidade Universitária da Universidade de São Paulo - USP, no Butantã, começou a tomar forma com o início de algumas obras e o planejamento de setores e edifícios.

Importantes nomes da arquitetura paulista se tornaram protagonistas, a partir daquela década, da construção deste patrimônio urbanístico e arquitetônico que é o campus Armando Salles Oliveira da USP. De Ícaro de Castro Mello, Oswaldo Brakke e Carlos Millan, à Eduardo Corona, Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, várias são as experiências, construídas ou não, dos principais arquitetos de São Paulo para a Cidade Universitária.

A equipe chefiada pelo arquiteto Rino Levi também participou efetivamente da construção deste legado arquitetônico. Além de um grande complexo para as habitações estudantis (1952) e o centro social (1962) - espaço com restaurante, estação rodoviária, serviço de saúde, cinema e hotel - ambos não construídos, Rino Levi projetou o Centro Cívico, nos primeiros anos da década de 1950.

No projeto, a grande praça da Cidade Universitária de São Paulo era um espaço que representava os anseios da busca do espaço cívico, do encontro, que por um período foi determinante na criação do campus universitário. Por isso, este artigo tem como objetivo apresentar o projeto do arquiteto Rino Levi para o Centro Cívico do campus Armando Salles Oliveira, da Universidade de São Paulo (USP), no Butantã.

O campus da USP

Até a década de 1930 o Brasil não tinha ainda uma estrutura universitária consolidada ou a ideia, como hoje a conhecemos, de universidade. Apenas aventavam-se iniciativas difusas e isoladas de escolas de ensino superior. A partir daquela década, porém, os pensamentos acerca do tema começaram a se aproximar



do imaginário de uma nova elite pensante, erudita e letrada – rica pelo café e educada no exterior.

É verdade que a concentração de escolas ou faculdades num espaço comum, como ideia de campus, já era conhecida na Europa e nos EUA desde o final do século XIX. Era frequente, entre o final do século XIX e início do século XX, na Europa e nos EUA, a instalação de escolas e faculdades fora do tecido urbano consolidado das cidades, alavancando em certa medida o desenvolvimento de regiões menos centrais.

Embora que não estivesse explícita a ideia de uma Cidade Universitária, a lei de criação da Universidade de São Paulo (Lei Estadual n. 6283) já rezava, em 1934, sobre a necessidade de um ambiente universitário que dependeria de um espaço físico comum. No artigo 47 desta Lei, intitulada “Do espírito universitário”, já se imaginavam os meios para a criação de uma interação entre alunos, professores e auxiliares, como também entre as diversas Escolas, Faculdades e Institutos, como se vê:

“Parágrafo único - A aproximação e o convívio dos professores e alunos das diversas Faculdades, Escolas ou Institutos, serão promovidos especialmente: pela proximidade dos edifícios e construção de vilas universitários [...]” (Coleção de leis e Decretos do Estado de SP – 1934, tomo XLIV, p. 37).

A ideia de um campus universitário ganhou força até que, em 1935, o governador do Estado de São Paulo e interventor Armando Salles Oliveira nomeou uma comissão encarregada de estudar a localização da Cidade Universitária, chamada de Comissão da Cidade Universitária (C.C.U.). Segundo XAVIER, 2005 a comissão foi formada por pessoas que representavam os vários interesses da USP e foram nomeadas de acordo também com as participações anteriores na construção de edifícios escolares.¹

Datam do mesmo período diversas discussões e soluções sobre o tema das cidades universitárias na América Latina, como por exemplo para as modernas cidades universitárias da Cidade do México e de Caracas. No Brasil, se destacavam no período a de Recife e do Rio de Janeiro, chamada de Universidade do Brasil, considerada a primeira universidade brasileira.

Apesar das propostas para a cidade universitária da então capital federal brasileira divergissem bastante entre si, foi a partir dos preceitos modernos que ela triunfou. O projeto vencedor para a implantação da Universidade do Brasil, de autoria de Jorge Machado

¹ Formação da CCU: Presidida pelo reitor Reynaldo Porchat, da Faculdade de Direito, era composta pelos professores: Alexandre Albuquerque, da Escola Politécnica, Ernesto de Souza Campos, da Faculdade de Medicina, Ernesto Leme, da Faculdade de Direito, Fernando de Azevedo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Afrânio do Amaral, do Instituto Butantã e Mário de Andrade, diretor do Departamento Municipal de Cultura.

designava a área da antiga Fazenda Butantã para a construção da Cidade Universitária, “compreendida entre a linha adutora de Cotia e o ribeirão Jaguaré.” (CAMPOS, 1954, p. 17), como se vê na Figura 1.

Desta proposta surgiu, em março de 1949, o memorial que apresentou o estudo elaborado para o que seria, em linhas gerais, o plano geral de ocupação, projeto e construção da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo. As linhas mestras deste plano iniciavam com a sistematização da gleba em setores para conter as atividades idênticas ou afins, contemplando respectivas áreas de expansão.

Além de definir a abertura de uma avenida diagonal e de uma avenida circular para conexão de extremos do campus, talvez a principal diretriz deste plano foi a idealização do traçado de uma grande avenida, chamada de *parkway*, de ingresso no campus com 100 metros de largura e que culminava numa grande praça chamada de Centro Cívico.

Esta grande avenida, monumental, começou a ser construída no início da década de 1950. No seu final, surgiria o Centro Cívico que contaria com o projeto (naquele momento em construção) do edifício da Reitoria, de autoria do arquiteto José Maria da Silva Neves⁵, junto com os edifícios da Biblioteca Central, do Auditório Universitário (Teatro) e da Torre do Relógio, todos projetados pela equipe liderada pelo arquiteto ítalo-brasileiro Rino Levi.

Os projetos encomendados pela Comissão e desenvolvidos por Rino Levi no começo da década de 1950 não eram, contudo, os primeiros projetos do arquiteto e sua equipe para a Universidade de São Paulo. Dez anos antes, ele já havia vencido o concurso e projetado o edifício da Maternidade Universitária para a Faculdade de Medicina da USP, que lhe rendeu o prêmio para Projeto de Uso Público na 1ª Bienal de São Paulo em 1951.

O projeto de Rino Levi para o centro cívico da USP

Protagonista do plano que triunfou para a implantação da Cidade Universitária, o Centro Cívico, ou a “grande praça destinada a conter, em zona privativa e tranquila, a Reitoria, a Biblioteca e Teatro”, como descreveu CAMPOS, 1954, p.111, seria talvez o projeto mais importante da Cidade Universitária. Do ponto de vista simbólico, englobava no seu conceito os principais edifícios administrativos e de uso coletivo do campus.

⁵ Importante ressaltar que Silva Neves era, naquele momento, assistente técnico do engenheiro Ernesto de Souza Campos, presidente da Comissão da Cidade Universitária. Esta comissão também contava com a colaboração dos arquitetos Rino Levi, Roberto Cerqueira Cezar, Ariosto Mila, Ícaro de Castro Mello, Gio Ponti, Plínio Croce, Carlos Millan, Roberto Aflalo, Salvador Candia, entre outros. Muitos destes arquitetos, importantes figuras no cenário da arquitetura moderna brasileira, acabaram realizando estudos e projetos para edifícios e setores da Cidade Universitária, como é o caso de Rino Levi e Cerqueira Cezar, Ícaro de Castro Mello e Carlos Millan, além dos estudos de implantação para as universidades brasileiras realizados por Plínio Croce e pelo italiano Gio Ponti.

O *parkway* contava, além dos seus 100 metros de largura, 1300 metros de extensão, sendo o projeto da maior “e mais bela avenida da América do Sul” (CAMPOS, 1954, p. 111). A imensa avenida, com sua fileira monumental de palmeiras imperiais, encontraria a apoteose justamente no Centro Cívico, constituído por uma grande praça com a forma triangular ao mesmo tempo curvilínea, tendo uma dimensão de aproximadamente 125 mil metros quadrados de superfície.

O Centro Cívico, que estava previsto no plano urbanístico da década de 1940, manteve “a monumentalidade da composição simétrica que alinhava a Torre do Relógio e a Reitoria à continuidade da avenida de acesso, dispendo lateralmente, os edifícios da Biblioteca e do Auditório” (CAMPOS. 1954, p. 111).

No projeto desenhado por Rino Levi, a linha de chegada da avenida de entrada encontraria a Torre num primeiro plano e o prédio da Reitoria ao fundo, com os blocos da Biblioteca Central e Teatro Universitário circundando a grande praça. Naquele momento, o projeto já contava com a colaboração paisagística de Burle Marx para as espécies vegetais e arbóreas, espelho d’água e pavimentação, como se vê na Figura 2.

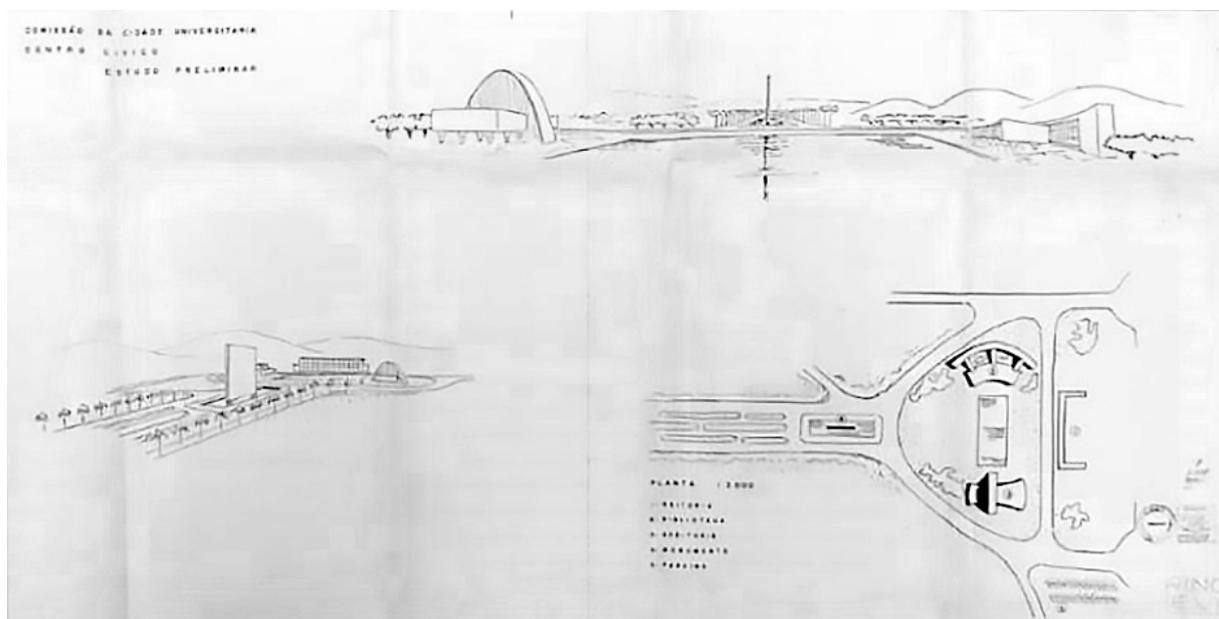


Figura 2
Implantação do Centro Cívico. Desenhos do estudo preliminar. 1952
Fonte: Arquivo FAU USP

A grande esplanada teria uma capacidade para um público de aproximadamente 25.000 pessoas e foi imaginada no intuito da concentração de caráter cívico para comemorações e aglomerações. Do projeto

e memorial entregues à Comissão da Cidade Universitária, de junho de 1953, encontram-se as seguintes palavras, do próprio autor:

“Os edifícios do auditório ou aula magna e da biblioteca são localizados vis-a-vis no centro cívico da Cidade Universitária, que é completado pelo edifício da Reitoria, a Torre da universidade e uma grande esplanada prevista em posição central em relação às construções mencionadas.

A Reitoria está colocada em posição de destaque no eixo e olhando para a grande avenida de acesso da Cidade Universitária, tendo de um lado o Auditório, do outro a Biblioteca e em frente a Torre.” (LEVI, 1953)⁶

A proposta para o Centro Cívico, Figura 3, subordinada ao eixo monumental da proposta elaborada em 1945 pelo Escritório Técnico, curiosamente apresentava solução bastante alinhada com a proposta do projeto para o plano piloto de Brasília elaborada por Lúcio Costa. A proposta de Costa, que seguia os preceitos do urbanismo moderno de Le Corbusier, enfatizava o caráter da cidade como *civitas*, ou seja, “possuidora dos atributos inerentes a uma capital”⁷. É curiosa esta aproximação entre o projeto de Rino Levi e o plano piloto apresentado por Lucio Costa em Brasília, uma vez que no concurso para a nova capital, de 1956, a proposta apresentada pela equipe liderada por Rino

⁶ Trecho retirado do memorial de entrega do projeto. 1953. Arquivo FAU USP.

⁷ Trecho inserido no Memorial para o Plano Piloto de Brasília, elaborado por Lucio Costa para o concurso de 1956.

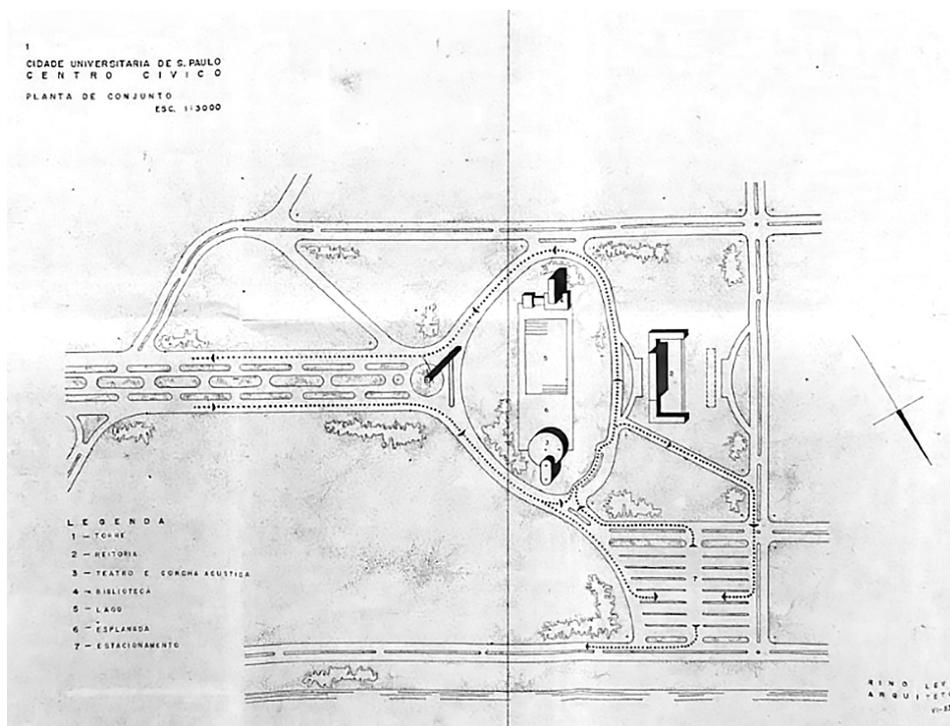


Figura 3
Implantação do Centro Cívico. Desenhos do ante projeto. 1953
Fonte: Arquivo FAU USP

Levi apontava para uma outra direção. O projeto de Rino Levi para Brasília apresentava os grandes blocos residenciais como gigantescos bairros verticais com ruas internas e elevadas do chão, reforçando o caráter da *urbs* grega.

A simetria e monumentalidade da proposta de Rino Levi, de 1952, para o Centro Cívico, com a definição de uma grande praça que, apesar do paisagismo e do espelho d'água, tinha um caráter bastante austero e ausente da dimensão humana e de vivência. Dispondo cuidadosamente os edifícios administrativos e institucionais – no caso a Biblioteca Central e Auditório – ao redor do grande vazio, Rino Levi enaltecia a relação institucional do espaço. Este conceito vai ser bastante criticado com a incorporação dos novos conceitos de urbanismo promovido pelo VIII CIAM, e que veio a ser palco do debate no fim da década de 1950 na própria USP.

Os edifícios que compõem o Centro Cívico

Torre universitária

O único projeto construído de autoria de Rino Levi para a Cidade Universitária, a Torre Universitária, ou como ficou mais conhecida, Torre do Relógio, foi defi-

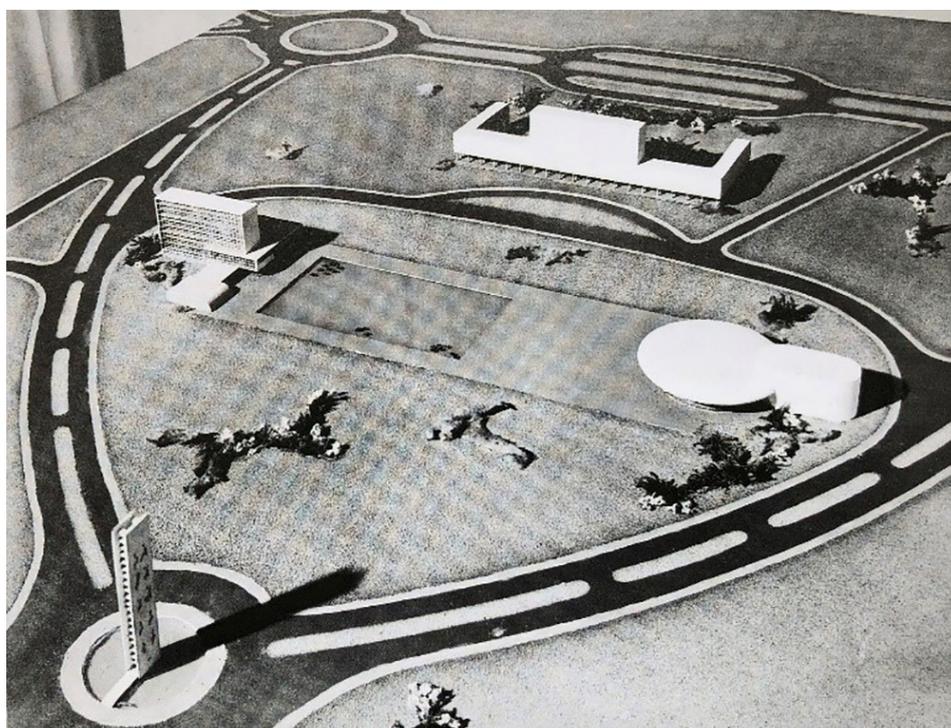


Figura 4
Vista aérea da maquete do Centro Cívico
Fonte: ANELLI, 2019

nida junto com a avenida de ingresso ao campus para serem as primeiras obras financiadas pela Comissão da Cidade Universitária. Entretanto, a verba destinada foi suficiente apenas para execução de parte da *parkway* e a construção da torre demorou cerca de 20 anos para ser finalizada.

O projeto da torre se iniciou a partir dos estudos sob a orientação do arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Júnior, chefe do Escritório Técnico, que definiu as características essenciais do empreendimento. Para ele, além da representação simbólica, a torre deveria conter o relógio mestre com a hora oficial, o sino, o “carrilhão” eletrônico e servir de base para estações de rádio e televisão.

Os diversos estudos coordenados por Pujol foram entregues à Comissão da Cidade Universitária e subordinados ao julgamento de alguns professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Sem a aprovação de nenhuma das soluções, a própria Comissão resolveu solicitar o projeto para o arquiteto Rino Levi, que já vinha desenvolvendo o projeto da esplanada do Centro Cívico.

“Feliz foi a iniciativa da C. C. U. Realmente melhor não poderia ter sido a solução proposta pelo profissional a que nos referimos. Admirável foi a sua inspiração. Não somente projetando uma obra de arte excepcional como dando-lhe ainda cunho diferente de quantas torres, universitárias ou não, existem por toda parte.

A nossa Torre individualiza, portanto, imagem própria para a representação da Universidade de São Paulo. Quem olha para aquela Torre ‘vê’ a Cidade Universitária. E os que já tiverem visitado, recomporão por esta imagem típica, o parque universitário de São Paulo”. (CAMPOS, 1954. p. 116)

A composição arquitetônica elaborada por Rino Levi para a torre, na verdade, é bastante simples. São duas empenas de concreto de 50 metros de altura, separadas pela escada de acesso técnico, implantada sobre um espelho d’água, de onde a torre se erguia como se emergisse de um lago e na ponta superior, o relógio oficial.

Nas faces das empenas foram gravadas, em baixo relevo moldadas no próprio concreto, obras feitas pela artista Elizabette Nobling que simbolizavam os grandes feitos da civilização, nas ciências, nas letras e nas artes. Como vemos no projeto de execução de 1972, os desenhos se remetem às diversas áreas do conhecimento. De um lado: Astronomia, Química, Geologia, Física, Biologia e Matemática; do outro: Poesia, Ciên-

cias Econômicas, Música, Dança e Teatro, Ciências Sociológicas, Artes Plásticas e Filosofia, como se vê na Figura 5.

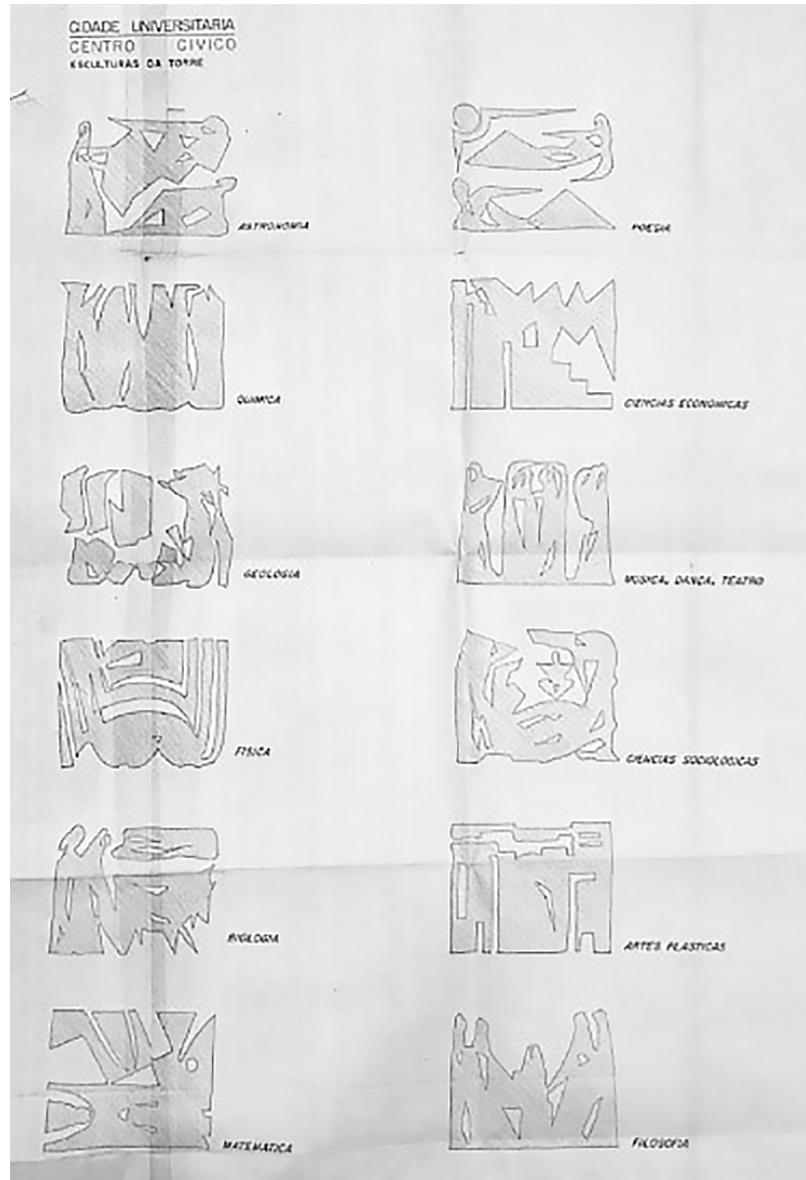


Figura 5
Desenhos para os baixos-relevos da torre
Fonte: Arquivo FAU USP

Auditório Universitário

Dos projetos previstos para o Centro Cívico de Rino Levi o mais complexo, sem dúvida, era o do Auditório universitário. Mesmo com sua forma externa simples, ele suscita uma temática bastante contemporânea, uma vez que sua grande virtude era a flexibilidade de usos e arranjos possíveis entre plateia e palco. Além das diversas combinações de layout interno, a marquise externa e o corpo da edificação poderiam servir

como concha acústica para funções ao ar livre. É por esta razão, presumo, que o espelho d'água da grande praça tenha sido posicionado mais próximo à biblioteca e mais distante do auditório.

A arquitetura, neste sentido, era o resultado da caixa técnica interna e da possibilidade de uso externo, aproveitando a grande esplanada criada no Centro Cívico. O próprio memorial do projeto, escrito pelo escritório de Rino Levi, também identificava a carência que existia na cidade de São Paulo, naquele momento, de teatros e auditórios de música. Por isso, o desenho do auditório (Figura 6) incorporava a flexibilidade de usos possíveis, aproveitando um único projeto para preencher uma necessidade que extrapolava, como ainda hoje, os limites da cidade universitária.

O auditório poderia variar a lotação de 700, 1.7000 e 3.000 pessoas, numa posição tradicional de palco e cena, até lotações de 1.000 ou 2.300 pessoas com o palco central. A flexibilidade do espaço pretendia garantir que nestes 5 arranjos e combinações o auditório pudesse atender todos os gêneros, "desde espetáculos dramáticos e de música de câmara, que exigem sala de tamanho reduzido e baixa reverberação acústica, até os espetáculos de ópera, música sinfônica, corais

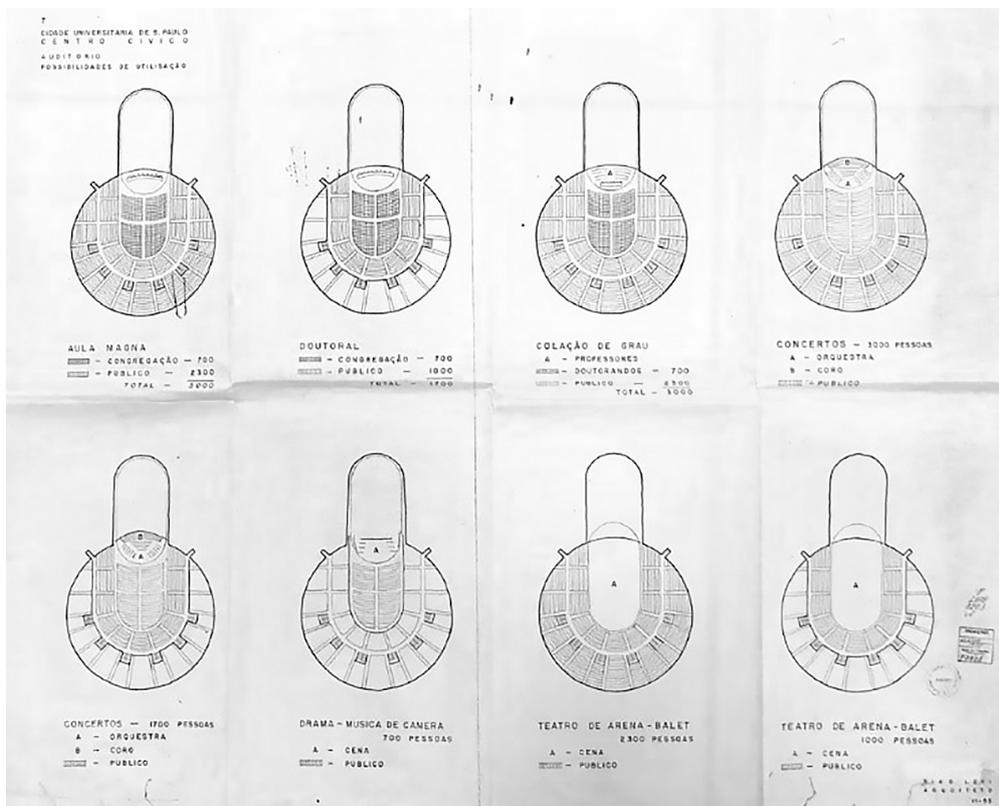


Figura 6
Plantas das diversas variações de plateia e palco para o auditório do Centro Cívico
Fonte: Arquivo FAU USP



e órgão, que exigem sala ampla e alta reverberação acústica". (LEVI, Rino. Memorial de projeto. 1953. Arquivo FAU USP).

Não era a primeira vez que o arquiteto se dedicava às soluções de projetos e edifícios com as preocupações acústicas, o que acabou se transformando numa das suas principais virtudes. Esta temática foi desenvolvida desde seus primeiros projetos, como no Cine Ufa-Palácio e Universo, ambos de 1936, Cine Art-Palácio de 1937, Cine Ipiranga de 1941 e no Teatro Cultura Artística de 1942/43, e remontava à história para o embasamento das soluções.

No próprio memorial do projeto da Cidade Universitária, enviado à Comissão em junho de 1953, Rino Levi se baseava, ao mesmo tempo, no tradicional arranjo de palco e plateia no teatro, cuja origem se deu no 800 italiano, e ao projeto não executado de Walter Gropius, denominado de "Teatro Total", de 1926, com 2.000 lugares e que também enfrentava questões semelhantes.

Biblioteca Central

O edifício da Biblioteca Central, disposto do lado oposto ao Auditório na esplanada do Centro Cívico se apresentava com uma tipologia bastante simples e já conhecida, num desenho com embasamento e torre, como se vê na Figura 7. Esta solução se deu fundamentalmente para resolver impasses técnicos e de dimensionamento, uma vez que a Biblioteca Central deveria atender um corpo discente de 5.000 alunos e 450.000 volumes de coleção própria. Além disso, se pretendia completar com seu acervo as bibliotecas especializadas das várias faculdades e institutos, atendendo a comunidade universitária.

Para isso, Rino Levi projetou o térreo, livre, com os conhecidos pilotis que faziam o papel de acolhimento ao público. O bloco de embasamento, mais largo, com as atividades coletivas que iam até 3o pavimento. A partir do 4o pavimento, se destacava uma torre laminar para acervo de volumes, com 10 andares e capacidade de 45.000 volumes por pavimento.

⁸ Lever House é um edifício localizado em Nova Iorque, projetado pelo escritório norte americano S.O.M (Skidmore, Owings and Merrill), finalizado em 1952. É considerado pela historiografia de arquitetura um dos primeiros prédios com pele de vidro e o pioneiro com a tipologia de um embasamento maior e torre, mais fina e alta, deslocada.

É curiosa a solução dada por Levi em 1952, ano que se finalizou a obra do edifício *Lever House*⁸ em Nova Iorque. O icônico projeto do escritório americano S.O.M. é conhecido como o pioneiro na solução de um embasamento mais largo com a torre, mais esbelta, alta e recuada. Esta tipologia foi bastante difundida pela arquitetura moderna e o chamado Estilo Internacional.

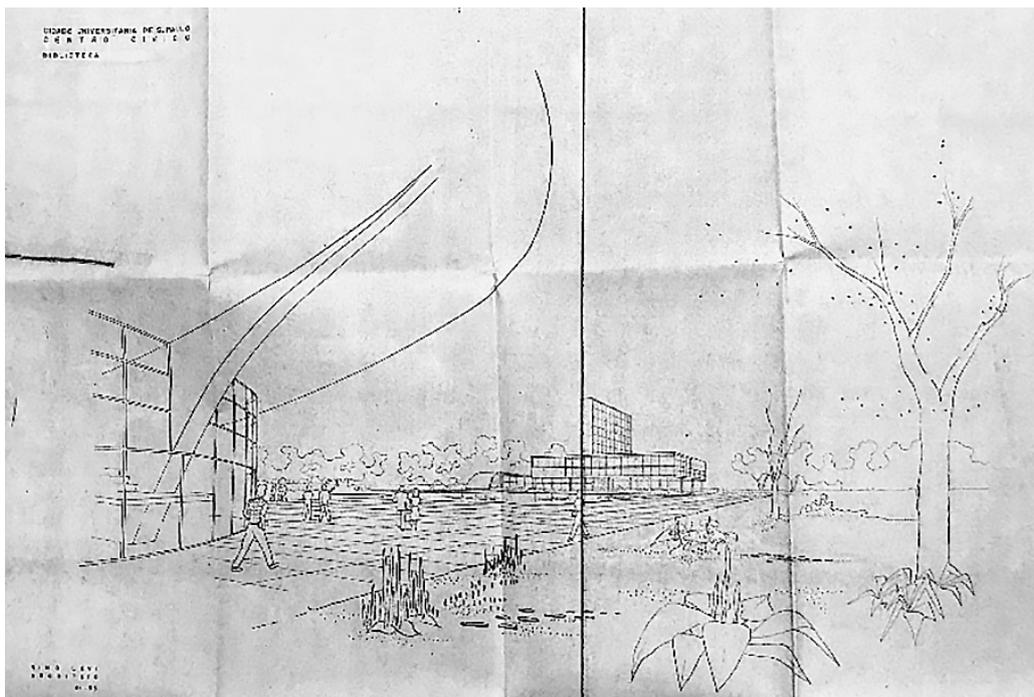


Figura 7
Perspectiva do edifício da Biblioteca Central, vista do Auditório
Fonte: Arquivo FAU USP

Para atender o enorme volume previsto para o acervo da Biblioteca Central da USP, Rino Levi dividiu o edifício de aproximadamente 12mil m² em diversas seções. Para o grande depósito de livros, implantado na torre, foi desenvolvido num sistema tipo stack-system, que garantiria a flexibilidade de modificação de layout e arranjo. Nos andares, a consulta de livros poderia ser feita na sala coletiva ou nas saletas privadas de leitura, a depender do estudo e dos grupos de estudo em questão. A administração, localizada no 3o pavimento, fazia o papel da interseção entre o acesso do público, nos andares baixos e o acesso restrito, na torre. Esta divisão era possível através dos locais de consulta do catálogo, considerado elemento fundamental e estratégico na dinâmica prática da biblioteca dado que deve ser acessível aos funcionários e ao público.

No térreo, além do acesso às diversas atividades, Rino Levi previu um auditório para 450 lugares, que serviria como um espaço de divulgação, com conferências, cursos, exposições e congressos relativos a assuntos de interesse da biblioteca.

Considerações finais

Para além da história e desenvolvimento do campus, os projetos de Rino Levi para o Centro Cívico da Cida-

de Universitária Armando Salles Oliveira da Universidade de São Paulo, apesar de não terem sido construídos, são importantes peças nas discussões acerca das intervenções urbanas modernas. Em certa medida, estes projetos anteciparam questões discutidas anos depois, tanto no concurso de Brasília, quanto nos tratados de urbanismo moderno, que guiaram as grandes intervenções urbanas no Brasil.

Em 1951, apenas um ano antes do projeto de Rino Levi para a grande praça para a USP, ocorreu o 8º CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) na cidade de Hoddesdon – Inglaterra. Este congresso, presidido pelo arquiteto catalão José Luis Sert, promoveu um estudo sobre os centros urbanos, apresentando-os como o “coração das cidades”, e mudou a direção do entendimento moderno para as intervenções urbanas, antes presos à Carta de Atenas.

“Do esforço em revidar as críticas que vinha recebendo, o 8º CIAM acabou por criar um método para intervir nas cidades. Consistia na produção de um espaço urbano especial e na definição de regras para sua concepção espacial.

(...) Significa dizer que a aplicação do método deveria gerar um espaço onde a comunidade – seja do bairro ou da cidade – pudesse desenvolver uma rede de relacionamentos e através dela articular a vida urbana. Ou seja, o lugar deveria funcionar como sendo um centro cívico.” (BRAZ E SILVA, 2010).

O relatório *El corazón de la ciudad* (SERT, 1955) evidenciava a busca de um ambiente que pudesse promover a relação entre os indivíduos, com o homem como agente protagonista do espaço. Embora o resultado deste encontro na Inglaterra tenha versado diretamente sobre o centro cívico, a difusão deste relatório tem impacto mais direto no Brasil apenas mais tarde naquela década de 1950.

O conceito debatido na Inglaterra e presente no relatório de Sert pretendia de alguma maneira “reverter a tendência funcionalista que havia predominado no entre guerras e também propor soluções para os centros urbanos degradados” (FERNANDES, 2005, p. 62) e abarcar uma quinta e nova dimensão ao espaço, que seria justamente a atividade humana.

Este assunto só foi explicitamente debatido nos projetos do começo da década de 1960 na Universidade de São Paulo com a revisão do plano de ocupação do campus, promovido pelo arquiteto Hélio de Queiroz Duarte que dirigia o Escritório Técnico naquele momento. O ponto mais enfatizado nesta proposta de

Duarte de 1956, chamada de “Replanejamento do Campus” foi justamente o centro da comunidade universitária, também chamado de core (coração). Para Duarte, seguindo as conclusões de Sert e dos urbanistas do CIAM, este espaço deveria conter elementos que privilegiassem as relações sociais, em substituição à antiga proposta para o Centro Cívico, da qual era bastante crítico⁹.

“Apontava, ainda, o arquiteto a crescente especulação sobre os terrenos, que ameaçava todas as grandes cidades, e a necessidade de reverter esse processo criando meios para que um novo fluxo de centralização pudesse ocorrer. Nesse sentido, a construção de novos centros de convívio para os cidadãos era fator essencial. A ideia de centro cívico (core) vinha incorporada ao princípio de organização das cidades por setores, estabelecendo centros para cada um deles, onde se agrupariam os edifícios públicos, formando espaços adequados para a reunião da população, de forma a poder desenvolver-se o espírito cívico. Também as mais diversas atividades humanas deveriam encontrar lugar nesses centros, promovendo as mais diversas manifestações culturais a partir de um ambiente físico especial, no qual pudesse manifestar-se, de modo concreto, o sentido de comunidade.” (FERNANDES, 2005, p.63).

Para que o novo plano pudesse funcionar, Helio Duarte buscou simplificar as zonas e setores de atividades do campus em macrozonas e não mais em pequenos setores divididos apenas pelas atividades, com a alteração do traçado de vias de veículos que de certa forma acompanhava esta simplificação em grandes áreas.

Com isso, o campus perdia sua grande avenida de ingresso – parkway – numa clara divisão das hierarquias viárias e numa proporção mais condizente com as demais vias de acessos de veículos. Perdia, na verdade, o simbolismo das propostas dos anos 1930 a 1950 num caráter mais ordinário de traçado, muito apoiado com os traçados modernistas das superquadras, onde a ligação interna entre os edifícios se dava a partir dos fluxos internos de pedestres e usos comuns.

Esta nova abordagem levou à outras propostas de intervenção no campus, com a elaboração de propostas para um novo centro catalisador de diversas atividades, numa interface entre o campus e a cidade. Chamado de Centro Social, este complexo deveria conter diversas atividades e serviços, como cinema, comércio, estação rodoviária e restaurante central. Os projetos desenvolvidos para este fim, de autoria dos arquitetos Rino Levi e Oswaldo Brakte também foram alvos de críticas e nunca saíram do papel.

⁹ Muitas foram as críticas ao modelo desenvolvido por Rino Levi e sua equipe, que obedecia aos primeiros planos urbanos do campus. Além de Helio Duarte, Mario Pedrosa e Gerlado Ferraz entre outros manifestaram suas discordâncias do projeto.

Sob o conceito programático do crítico de arte Mario Pedrosa que embora entendesse que o core da Cidade Universitária deveria ter a clara distinção a partir da homogeneidade de público em relação ao core de qualquer cidade, ele deveria ser a “ideia de síntese” que englobasse as atividades que compunham a vida universitária. Para Pedrosa, era preciso se atentar para o espaço criado a partir das formas arquitetônicas, a fim de “torná-lo não um centro realmente convivência, mas um local frio, deserto, sem vida, por lhe faltarem recursos e as fontes recreativas de uma comunidade urbana real”

De acordo com SEGAWA, 2012, Mario Pedrosa ainda definiu que as “atividades fundamentais” e que deveriam compor o core da universidade seriam o conjunto com reitoria, Conselho Universitário e Aula Magna, a Biblioteca Central e o Museu, com seus devidos anexos. Fica claro, portanto, que o core seria, além da incorporação do conceito de vitalidade dos centros urbanos e da sociabilidade, uma revisão dos programas previstos no centro Cívico elaborado por Rino Levi praticamente uma década antes.

Entretanto, os projetos pensados para o Centro Social apresentavam programas que extrapolavam os edifícios administrativos e buscavam de certa maneira os espaços de interação entre as pessoas e de interface entre as atividades do campus com a cidade de São Paulo.

Dado sua localização estratégica no acesso principal ao campus, através da antiga parkway, o conjunto deveria conter também serviços como posto de gasolina, hotel e estação rodoviária. A ideia deste plano era, de fato, criar uma cidadela dentro da Cidade Universitária e que por sua vez se relacionaria com a cidade de São Paulo numa tentativa de geração e manutenção da vida urbana, ou ainda, o coração da Cidade Universitária.

O resultado era um conjunto uniforme promovido por um grande edifício laminar com um ritmo estrutural homogêneo e uma luz difusa e democrática. De certo modo, é similar a concepção espacial promovida por Vilanova Artigas no projeto do edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, iniciado em 1961, praticamente no mesmo período. Se faltava sociabilidade no Centro Cívico de 1953, o Centro Social parecia resgatar a interação promovida pelo projeto do setor residencial de estudantes, e presente no concurso de Brasília, e avançar ainda mais na técnica construtiva.

A incorporação da dimensão humana nas intervenções urbanas promovida pelo relatório do CIAM inglês, embora tivesse tido relevância a ponto de promover a elaboração de propostas para revisão do planejamento do campus da USP, através de novos planos urbanísticos e arquitetônicos, não sintetizou uma nova via de pensamento que vingou no Brasil, a se confirmar no projeto vencedor para o Plano Piloto de Brasília. E de certa forma, a proposta para o Centro Cívico, subordinada ao eixo monumental da proposta elaborada em 1945 pelo Escritório Técnico, apresentou solução semelhante com a proposta do projeto para o plano piloto de Brasília elaborada por Lúcio Costa.

Referências

AMARAL, Keil. "Cidades Universitárias, Realizações Contemporâneas". *Arquitectura*. Porto, n. 55-56, pp. 6-13, 1956.

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. *Rino Levi: Arquitetura e cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2ª edição, 2019.

BRAZ E SILVA, Ângela Martins Napoleão. "8º CIAM: Ideias antigas e uma nova atitude para o planejamento urbano". *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, v. 17, n. 20, pp. 67-84.

CAMPOS, Ernesto de Souza. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do Planejamento e Execução*. Edusp, 1954.

CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo. Edusp, 1954.

FERNANDES, Fernanda. *Arquitetura e sociabilidade na cidade universitária de São Paulo*. In: *Cidades Universitárias: Patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. pp. 59-69.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Cidade universitária: Patrimônio e identidade*. In: *Cidades Universitárias: Patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. pp. 81-88.

MUNFORD, Eric Paul. *The Ciam discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

SERT, José Luis; ROGERS, Ernesto N.; TYRWHITT, Jacqueline. *El corazón de la ciudad: por una vida más humana de la comunidad (Ciam 8, Hoddesdon, 1951)*. Barcelona: Hoepli S. L., 1955.

XAVIER, Marco Antonio. *O campus e a cidade*. In: *Cidades Universitárias: Patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. pp. 42-58.